

I  
L  
U  
S  
T  
R  
A  
Ç  
Ã  
O



P  
O  
R  
T  
U  
G  
U  
E  
S  
A

Queneiro 520



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:

Trimestre..... 2800 ctv.

Semestre..... 5300 "

Ano..... 10300 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

**M**aquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**  
Fedir preços, organamentos a  
**C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41**



## Seios firmes e Desenvolvidos

(TRATAMENTOS SERIOS. RESULTADOS DEPOIS DE TRES DIAS)

*A Beleza fisica das senhoras consiste no desenvolvimento e reconstituição dos seios.*

*A elevação d'um peito bem formado dá aos hombros e ao colo os contornos graciosos e elegantes que todas as senhoras podem procurar pelo uso maravilhoso dos productos e tratamentos da*

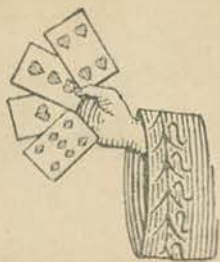
**Academia Scientifica  
de Beleza**

**AVENIDA, 23**

**Telefone 3641**

Resposta mediante estampilha.

**M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE**



Tudo esclarece no cassado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteta das 12 ás 22 horas e por correspondencia; enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Globo da rua d'Alegria predio esquina).

**TRABALHOS TIPOGRAFICOS**

em todos os generos

Fazem-se nas oficinas

da

"Ilustração  
Portugueza"

R. do Seculo, 43

LISBOA

MESQUITA & VIGA NOVA, C.<sup>da</sup>

**Juvelaria e Joalheria**

Completo sortido — Compra puro

58, Travessa de S. Domingos, 60

**Tosses** Cura eficaz e agradável, só com os

**Rebuçados de S. Paulo**

Premiados em Milão (1920)

**A PRIMOROSA** — R. São Paulo, 138



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 772

Lisboa, 22 de Janeiro de 1921

20 Centavos

## Cronica da Semana

**A**OS que a toda a hora pregam o desanimo, aos que se dizem convencidos, da nossa proxima perda porque as nações estrangeiras nos teem como falidos, passaram despercebidos os artigos que o «Times», ultimamente publicou a nosso favor, reconhecendo precisamente o contrario d'essas afirmações. Alguns jornaes traduziram-os e então eles ou responderam com o silencio ou sorriram de incredulidade e de duvida sobre a sinceridade de quem escreveu os referidos artigos.

Procedimento diverso é o d'essa gente quando lá fóra nos injuriam; repete as injurias, aumenta-as, acredita ou finge acreditar todos os absurdos com que nos enxovalham, e quer n'uma occasião quer n'outra, não deixa de proclamar o seu patriotismo, negando-o até a quem não pensa ou não faz como ella. E como a repetição insistente, embora d'uma falsidade, acaba por fazê-la acreditar, visto que a analyse é coisa trabalhosa e quasi todos lhe preferem a comodidade, por patrióticas são tidas efectivamente essas sombrias personagens e com ellas se convive sem repugnancia.

No entanto, se as visitas d'uma casa se regosijarem quando n'ella se der um acontecimento lugubre e se entristecerem quando o acontecimento fór feliz, ou muito nos enganamos ou o dono deixa de considerar essas pessoas como amigas, correndo-as a pontapés quando lá appareçam a felicitar por um enterro ou a dar os pezames por uma bóda.

Ora como a sociedade é um agregado de familias, o que se faz em ponto pequeno não se deveria fazer em grande?

**L**EAL da Camara, o caricaturista illustre que Espanha e França aplaudiram, teve sandades da patria, voltou ha tempos e aqui vive. Poucas vezes se faz lembrar, mas quando desperta para a arte resgata, pela originalidade, as longas pausas a que nos habituou e que de modo algum represntam preguiça, mas a atenção talvez necessaria, demorada e honesta, de quem confia mais no talento do que no acaso.

Aí temos agora a sua exposição no Salão Bobone, de desenhos, pinturas e ensaio de moveis e ferragens decorativas, a demonstrar o que diz-mos. Por lá, o seu nome volta a ser falado e discutido nos centros intellectuais, como des-jo sincerissimo, manifestado por todos os seus admiradores, de que se esforce por transigir com os costumes d'um povo que facilmente toma por inacção o que não é senão acivilidade latente. «Quem não aparece esquece» é um proverbio muito portuguez: onsamos aconselhar o artista a que o tenha presente.

**U**MA das mais tristes consequencias da crise actual é o que se está passando com as instituições de caridade, hospitais, «crèches», asilos, etc., muitas das quais já fecharam e outras fechoão se não lhes acodem. Apella-se para os particulares opulentos mais do que para o Estado e ninguém d'rá que não deva ser esse o criterio seguido, porquanto o Estado está pobre e ha alguns particulares que estão ricos e enriqueceram exactamente por via d'essa crise; mas d'esses são em tão pequeno numero os que corresponderam ao apêlo, que a principal das instituições a que nos referimos devolve as dadivas recebidas, porque somavam uma quantia insignificante em relação a que se tornava nece saria.

Foi uma resolução que nada remedion, infelizmente. Outro teria sido o resultado se os peticionarios tivessem publicado nos jornais uma lista das pessoas caridosas e das que haviam recuado a esmola, ou se tivessem previamente anunciado que a publicariam. Os fins justificam os meios e este afigura-se-nos efficassissimo, porque é raro o patife que não queira passar por pessoa de bem...

**E**NVIA-NOS, amavelmente, o sr. Alipio Ramos, um livro de contos, «Eterna comedia», que é a sua primeira obra de prosa. Já nos deu, em verso, as «Flores de inverno» e a «Biblia pro ana», que foram bem recebidos. Na «Eterna comedia» os criticos hão de preferir o descriptivo, que no conto, «Polas colheitas», é vigoroso. Outras qualidades, porém, recomendam o livro, que está longe de ser uma vulgaridade.

Acacio de Paiva





# TRES PEROIAS DO ALGARVE

## PORTIMÃO, ROCHA E VAU

por  
*Marco Algarve*



*Três lindas paisagens algarvias: Silves—A cruz de Portugal. Cidades de Monchique—A entrada da mata e o castelo d'Arade em Ferragudo, onde mora o ilustre escritor Coelho de Carvalho.*

nardo Vieira, tendo composto aqui proximo, entre outras, aquela espontanea poesia que assim começa:

- Bóas tardes, lavadeira!
- Bóas tardes, caçador!

**D**ESTE imenso colar de pérolas constituido pelas localidades do litoral algarvio, três nomes a nossa memoria fixa como sendo dos mais belos e sámples que o germinar da Natureza e a mão do homem, n'uma cumplicidade excelsa, encheram d'encanto e poesia, de vida e de rumor...

Vila Nova de Portimão, uma grande cidade provinciana com o nome de vila, acordou ha dias do labor continuo para vér inaugurar a agencia do Banco Nacional Ultramarino, esse colosso da finança internacional, que aqui veio dar mais impulso à florescente industria de terra e mar e ao commercio local.

Portimão, que para muitos parecerá uma terra nova, feita em meia duzia d'anos, obscuramente, sem historia, como esses novos-ricos que a Grande Guerra tirou do charco da miseria para o ridiculo dos automoveis e salões, é, pelo contrario, uma antiga terra repleta de tradições, onde a politica e a literatura, a boemia e a elegancia, n'um original consorcio, marcaram varias épocas brilhantes.

João de Deus e Bulhão Pato, Gomes Leal, na mocidade, para cá vinham namorar as lindas raparigas d'então e pontificar nas letras; João de Deus, o humano lirico do «Campo de Flores», passava geralmente em Portimão as ferias grandes, em casa do seu devotado amigo Domingos Leo-

A ribeira de Boina, a praia da Rocha e a quinta de Mata-Mouros, propriedade de Domingos Vieira, eram os sitios preferidos, para caçar, namorar e postar, por João de Deus e outros rapazes do grupo.

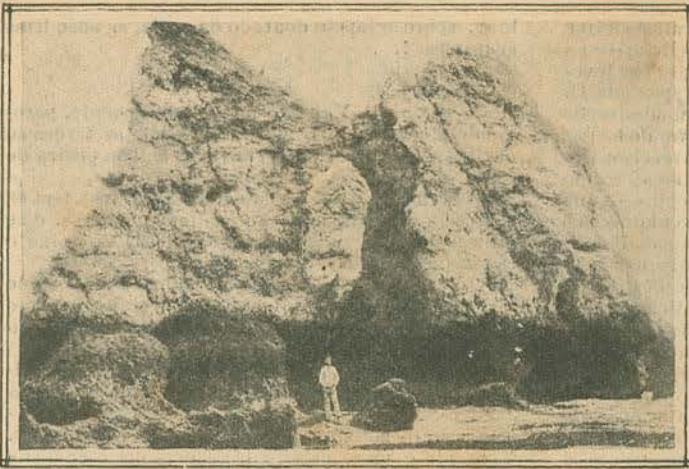
Com eles acamarava muitas vezes o padre Chaves, um ironista açorado e distintissimo; o padre Gloria, mais novo e mais artista, passava os dias e as noites recolhido no estudo da pintura classica; era um genio inculto, sem mestres, sem convivencia propicia para o desenvolvimento da sua arte, sem mesmo onde pudesse estudar as telas com os claros-escuros dos mestres, mas mergulhava o espirito em todos os quadros, e d'af, lentamente, silenciosamente, com a vontade d'um estoico e a paciencia d'um beneditino, arraucava d'aqueles paineis baratos a faísca com que ia depois iluminar os seus quadros a oleo ou os seus «carvões» sombrios.

Domingos Vieira, Joaquim Negrão e Luis Mascarenhas eram tambem três rapazes de valor.

O primeiro—artista complexo—desenhava, pintava, trabalhava com o cinzel e o tórno, levantava plantas para edificios modernos e fazia literatura; a sua inteligencia múltipla, estranha, assombrosa, porém, era a espaços velada por uma funda tara doentia.

Joaquim Negrão, boemio incorrigivel e um ca-vaqueador original, viajava principescamente em relação ao seu tempo: a sua via-





Praia de João d'Arem  
(No Vau)

gem á America, para conhecer o mundo, com Antero do Quental, daria um livro interessante.

Luís Mascarenhas era um jornalista de grandes faculdades de trabalho, com uma esplendida preparação positiva, mas um verdadeiro lunatico na vida pratica, architectando «castelos no ar» por toda a parte onde levava a sua bizarra imaginação...

Morreu recentemente, pobre e esquecido, em Faro, e foi o ultimo d'aquella opulenta geração de fantasistas, sem falarmos d'esse luminoso desgraçado que tem o nome de Gomes Leal.

Esta terra do Algarve, nos ultimos dez anos, tem tomado enorme desenvolvimento industrial, devido sobretudo a esse homem d'uma espantosa actividade, o sr. João Antonio Judice Fialho, uma vontade audaciosa ao serviço da mais feliz orientação.

A lenda da preguiça algarvia—ativismos do sangue arabe—encontra em João Fialho o mais amplo e formal desmentido; ele só, com a sua energia e o seu sorriso, é capaz de romper montanhas, lançar redes no mar Egen e construir fabricas na California. Portimão orgulha-se de o contar no catalogo dos seus filhos prestimosos, e com absoluta razão e justiça.

Não devemos deixar de mencionar que esta vila foi teatro de lutas politicas sangrentas em 1833, tendo sido fusilados pelas forças do guerrilheiro Remechido, mas sem conhecimento do proprio, o medico Chaves e o pae do visconde de Bivar. Ambos eram ilustrados e com ideias liberaes, motivo porque os seus corpos serviram d'alvo

á furia sanguinaria dos fanaticos d'então.

Resta-nos tambem dizer que aqui, n'esta inquieta vila de Portimão, traçou serenamente Manoel Teixeira Gomes as paginas lapidares do «Agosto Azul», da «Sabina Freire» e da «Gente Singular»; aqui, n'este convulso borborinho de fabricas, campos e negocios, veio sepultar-se em vida, ha cerca de quarenta anos, um raro coração de medico e uma alma enamorada de ideal, bondade e beleza, o dr. Ernesto Cabrita, elevado e delicadissimo poeta, da notavel pleiade intellectnal que nos deu Bruno, José Augusto Vieira, Fialho d'Almeida, Julio de Matos e tantos outros, esquecendo-se sonhadoramente que a humanidade «é sempre a mesma enferma», no verso egregio de Antero, ou a mesma «besta humana», na frase realista de Zola...

Antes do viajante avançar para a Rocha, se contempla os arrabaldes de Portimão, os olhos pensam naturalmente nos vinhedos, nos figueiras, na extensa fita de prata do Arade e na serra longinqua de Monchique.

No verão, a limpidez do firmamento, a frescura da folhagem e o cantar das aves entornam em volta de nós um supremo bem-estar, uma suave temperatura, que o detestado levante ás vezes altera bruscamente. O vento levante é para o algarvio uma especie de diabo á solta vindo das bandas do Oriente.

Fevereiro, esse mez inconstante como uma mulher nervosa, no dizer maguado de Julio Diniz, traz á flora algarvia a púdicca fiór da amendoeira.

Ha quem venha de proposito ao Algarve n'este mez contemplar a mimosa fiór, tão fina e virginal ella se mostra.

O dr. Brião Camacho, um



Homens do passado  
Domingos Vieira.

Uma figura antiga  
O padre Gloria



Aspecto do rio  
Vila Nova de Portimão



admirável paisagista que a política subtraía ás letras portuguezas, veio ha annos de fugida deliciar-se na contemplação das amendoeiras floridas; e, em febreiro d'este anno, a distincta escritora hespanhola D. Carmen de Burgos, tambem por cá andou admirando as amendoeiras em flor, fantásticas noiva: de longas grinaldas imoveis... A praia da Rocha recebeu festivamente, em setembro de 1914, os membros do Congresso Regional Algarvio. Foi um congresso que nos deu longos discursos, apesar das senhoras não poderem falar n'ele. E visto que brevemente teremos outro, mas d'esta vez em Faro, não será desprimor para ninguem o alvitarmos que se dêgnarida ao belo sexo, para não surgirem despeitos feminis como aconteceu no congresso da praia da Rocha.

Os tempos mudaram... e as mulheres devem entrar em todas as lutas... da oratoria e da paz!

Falando, embora fugitivamente, da praia da Rocha, seria injustiça não fazermos uma referencia especial á magnifica vivenda do sr. Antonio Magalhães Barros. Tanto exterior como interiormente é uma esplendida habitação, com requintes de arte e horizontes soberbos.

Tem a Rocha alguns «chalets», poucos, elegantes, sendo a maioria casas sem estetica alguma, perfeitos armazens de figos, como ha tempos notou um espiritoso socio da Propaganda de Portugal.

A Rocha possui duas longas praias, uma áquém e outra além do celebrado «barraco da avó», tendo ao fundo altos rochedos, com misteriosas grutas, trabalhadas pelo amor selvagem d'esse immortal e inegalavel artista que é o mar.

Os castelos da Rocha — dois bellos informes erguidos sobranceiramente ao oceano — são para a retina dos artistas que adoram a sinfonia da côr e da paisagem — especialmente pintores e poetas — uma fonte d'inspiração e uma bella escola de sensibilidade instituida pelas leis da Natureza.

Artistas illustres, como João Vaz, Tomaz Costa Barros, Falcão Trigoso, Carlos Reis, etc., foram ali diferentes vezes beber — n'aquella velha fonte sempre nova — o sentimento das cousas nobres, o frémto sagrado que transmittiam ás suas mais perfitas produções.

O pôr do sol e o romper da lua, vistos dos alcantis dos castelos, tomam foros d'uma grandeza suprema.

Um nosso amigo, poeta naturalista e inculto, ali passa amudadas horas, quer de dia, quer de noite, aculmando os nervos, elevando a alma ao infinito e murmurando o sublime alexandrino de José Duro:

«Bebendo a luz do sol e as lágrimas da lua...»

A praia da Rocha precisa já: um bom «hotel», um espaçoso «Casino», agua potavel, luz e carros elétricos.

As quintas, as casas apalaçadas, com exhibições d'arte, como na Granja e outras praias do norte, virão depois.

A Rocha, só por si, com os seus primores naturaes, o seu clima temperado, a sua solidão africana, desafia intrepidamente todas as suas congengeres, sem receio de ficar vencida, tanto mais que bate o «record» mundial da amenidade climaterica.

A sua pobreza artificial é compensada pela sua grandiosidade primitiva.

E' certo que «lord» Byron não a cantou nos seus poemas, mas tambem é certo que muito liricos de Portugal — desde João de Deus a D. Alberto Bramão — têm feito vi-

brar, sobre o tapete dourado da areia, as suas lirias suspirosas!...

\* \* \*

A praia do Vau fica mais para o poente, parecendo mesmo que o astro rei, todas as tardes ao declinar, a pulveriza e subverte na sua poeira de fogo.

Tem uma duzia de casas, se tanto, mas tem os campos em volta que são jardins e pomares, e as praias — três ou quatro — que são ricas de peixe e marisco sabroso.

O Vau é pouco visto, pela circumstancia dos que visitam a Rocha ignorarem que alem mais ao poente ficam outros pontos encantadores para um passeio agradável.

Sem pretendermos avolumar pequeninas rivalidades baírristas, diremos que além do Vau, em João d'Arem, existem as mais toscas e brutas pedreiras e os mais rendilhados e artisticos rochedos. Vive ali o mar, palpita lá a terra em toda a sua adusta pujança, e o céu, translucido, sereno e gracil, como os olhos de certas creanças louras, incita-nos a atirar-lhe beijos e flôres...

Leitor amigo, se um dia a curiosidade te levar a conhecer a magnitude das rochas de João d'Arem, toma uma pequena lancha a dois remos e penetra, pelo lado do mar, nas abobadas magestosas que ali ha, e var, silenciosamente, religiosamente, com o peito arfando de começo e o craneo sedento de

imprevistos, tatear áquelas pedras polidas que falam a linguagem angusta dos seculos, aspirar as emanações iodadas das algas, emfim, pacificar o temperamento na soledade bendita do ermo!

Da avenida da Rocha, que tem o nome do algarvio preclaro que foi Tomaz Cabreira, deve partir em breve uma larga estrada ou avenida marginal que ligará a Rocha ao Vau.

Teremos então de verificar que as praias do Vau e de João d'Arem, com a

sua graciosa ponta de rochedos a emergir das aguas, são visitadas como merecem.

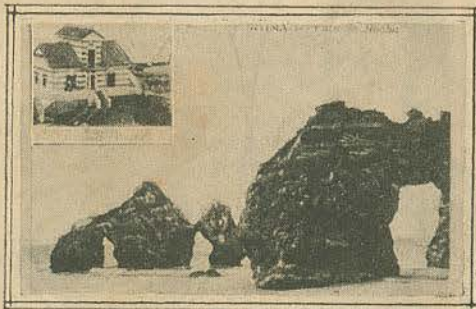
A sua situação privilegiada e o seu valor desconhecido terão finalmente a consagração que de direito lhes pertence.

A praia «das mesas», o «cariano» e outras, tão trabalhadas nos arabescos que as cercam, tão castigadas na arquitetura que as gerou, prometem viver eternidades, mesmo com as tonalidades da luz forte que as envolve e a furia dos elementos que as sacodem nos invernos.

Mais deante do Vau, por um caminho accidentado, entra-se na cidade mourisca de Alvor, hoje uma pequena povoação de pescadores.

Segundo a historia, foi ali que falleceu D. João II, o «Principe Perfeito», quando seguia das Caldas de Monchique para Lisboa. Veio morrer junto ao mar, ao pé de humides pescadores, esse rei energico e intelligente, como lá mais adiante vivera e morrera, transposto a vasta baía de Lagos, o solitario genial de Sagres, esse profundo pensador que deixou um nome universal: — o infante D. Henrique.

O Vau é igualmente uma pérola como no começo afirmámos, mas esquecida do mundo, deixada n'uma perpetua solidão, propriedade d'aves aquaticas e camarões respeitaveis, á mercê das ondas, enternecida, olvidada, como um paraíso perdido ou uma castelã sem trovador...



Portimão. — Chatet Buisel e Praia da Rocha.



# PAGINA ARTISTICA

XIX—Carlos Reis



Carlos Reis, o grande artista, que tantas obras primas tem produzido, dá-nos hoje um carvão inédito. E', como se vê, uma flagrança artistica que muito notabilisa o seu talento e honra as nossas paginas.

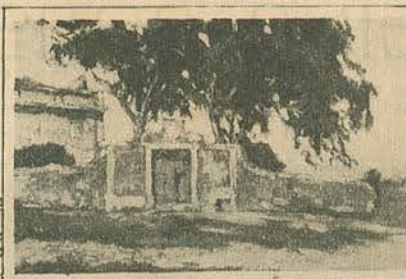


# AS EXPOSIÇÕES DE ARTE



«Leonora», quadro de Alberto de Lacerda

Foi um sucesso pleno a exposição dos cinco noveis pintores, que já ha dois anos se reunem para expôr. Artistas cheios de



Entrada de quinta (Barreiro), por Albertino Guimarães.



«Barcos na praia de Setubal», por Fernando Santos.

iludida a expectativa dos que esperavam no falecido e modesto artista um apaixonado e fervoroso cultor da arte da pintura, que sabia com vigor exprimir na tela a sua visão estetica da beleza.



Jardim de Queluz, por J. Costa.

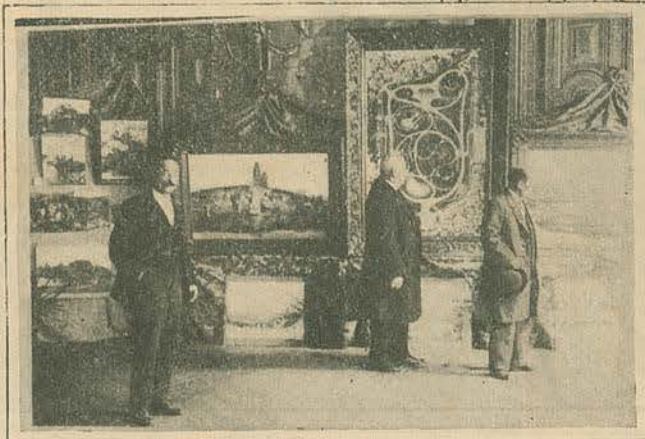
Os pintores Alberto de Lacerda, Albertino Guimarães, Adriano Costa e Fernando Santos que expõem na Sociedade Nacional de Belas Artes, em exposição do grupo, os seus quadros.



«A minha casa», por Adriano Costa.

mocidade e de talento conseguiram impôr-se perante o publico, que com curiosidade segue o labor dos que trabalham assim com brilho e com honestidade.

Tambem a exposição postuma do condutor sr. Fernando Silva levou muitos amadores de arte á Camara Municipal, não sendo



Como se vê, não nos faltam provas de que a Arte a todas as coisas sobreleva, e são os artistas que ainda erguem nos braços, imperivelmente, o nome de Portugal.



# UM FADO

Letra de M. M.

Musica de BELENA DE ARAGÃO

*Cantabile*  
*bocca chiusa*  
*pp*  
*p*  
*mf*  
*cresc.*  
*rall.*  
*pp*  
*D.C.*

Trici- ca- ri-nha de Co- im- bra são an- jinhos de Sen- hor, que des- ce- ram lá dos ceus, p'ra nos te- rem mu- i- to a- mor.

Trici- ca- ri- nas, sois tão gen- tis, que s'eu fos- se co- mo é De- us, iria pôr- vos tão al- to, Co- mo as es- tre- las nos ceus!

Tricatinhas de Coimbra  
toda a luz do vosso olhar  
tem a escuridão da noite  
e a tristeza do luar.

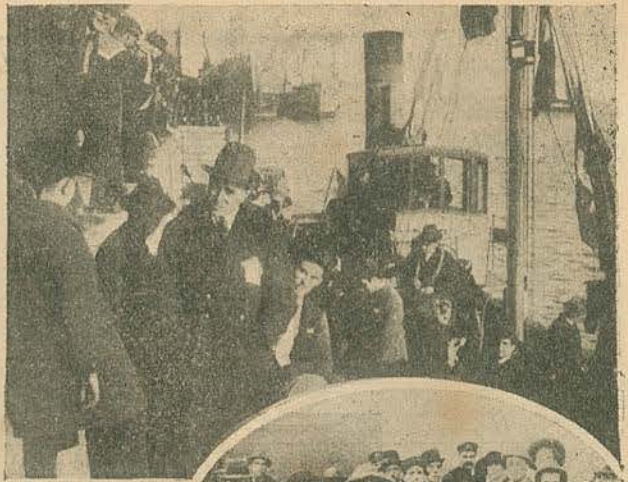
Tricatinhas, sois tão gentis,  
que s'en fosse como é Deus,  
iria pôr-vos tão alto,  
Como as estrelas nos ceus!

Tricatinhas de Coimbra  
são anjinhos de Senhor,  
que desceram lá dos ceus,  
p'ra nos terem muito amor.

Tricatinhas, sois tão gentis,  
que s'en fosse como é Deus,  
iria pôr-vos tão alto,  
como as estrelas nos ceus!



# FIGURAS E FACTOS

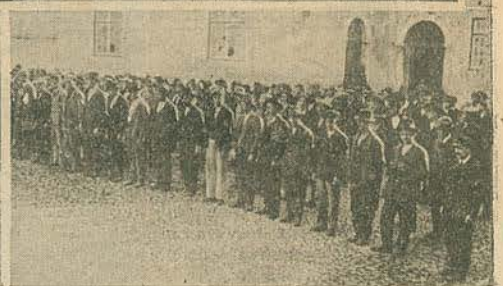
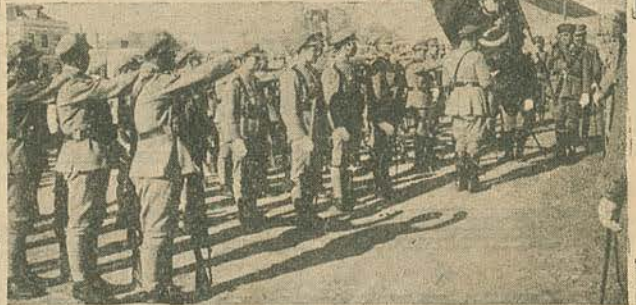


1. A sr.<sup>a</sup> D. Ludovina Roquette Soares de Albergaria que, com o sr. Leopoldo Sotto Maior Diniz, se consorciou na Igreja da Es.

2. A volta dos artistas. Amaranthe, Satanela e a sua companhia desembarcam no posto de desinfecção na volta da sua «tournée» ao Brasil. — 3. A actriz Luísa Satanela. — 4. O palacio da Mi-



tra, onde a Manutenção Militar abriu os novos armazens e guladões de preços. — 5. No quartel do Batalhão de sapadores de Cami-



nhos de Ferro. O sr. ministro da guerra condecorando um soldado. — 6. Um dos armazens. — 7. No batalhão de S. C. Ferro. O juramento de bandeira dos novos recrutas. — 8. A posse do novo comandante do Corpo de Marinheiros, o capitão de fragata sr. Salvador Moscoso. — 9. Os novos recrutas do Corpo de Marinheiros assistindo ao acto da posse, na parada do quartel.





Ilustrações de José Leite.

## A lampada de D. Duarte

**P**ALIDA como a filha de Filipe Afonso, Maria da Graça — a quem o desejo de ser feliz sobrevivia ao aniquilamento — suplicava debilmente: «Ampareme, cijnjam-me a tempo uma reliquia de Dom Nunol...»

O quarto da moribunda e todas as salas do palacio estavam cheias de amigos tão sollicitos, como dos que tendo sido pretendentes interesseiros afivelavam a mascara uma ultima vez, mostrando-se compungidos.

«Uma reliquia de Dom Nuno, uma reliquia de Dom Nunol...» repetia a mãe, Dona Ignês, a Dom Vasco, prometido de Maria da Graça, que sorria incólulo respondendo: «Não quero deixal'a; não voltaria a tempo».

No entanto, Maria da Graça, a quem o desejo de ser feliz sobrevivia ao aniquilamento, suplicava debilmente que a amparassem, triste, e palida, como outr'ora a filha de Filipe Afonso.

O portal do palacio fechára-se pesadamente sobre Dom João.

E ninguém sabia que aquele ministro do Senhor, que fora chamado a ungir Maria da Graça, tomára a ordem quando a vira preferir-lhe Dom Vasco.

Sucumbia á violencia do desespero maximo.

E na rua, que um luar pied-sissimo illuminava piedosamente, na rua onde indiferentemente circulavam indiferentes, na rua onde se achou só, Dom João avançava, inconsciente, quasi louco...

Foi direito á igreja...

Ninguém. A ideia predominante n'aquelle cerebro em cáos contava já com a indisciplina do guarda que, indigno de tão alta missão, nunca estava em seu lugar.





Quizera substituí-lo tão fortemente quanto hoje abençoava não o ter conseguido.

Ninguém...

No claustro crescia a atmosfera de milagre, as avesinhas recolhidas tinham-se esquecido de cantar...

A lampada de Dom Duarte mal ardia... Era quasi escuro na igreja.

Dom João sentiu-se invadido por um suor de agonia:

«E bom Condestabre Santo. «cobri-nos com o Vosso manto...» Começou por murmurar.

Depois, como se falasse com o Santo, contou-lhe em soluços porque precisava do seu divino auxilio.

Queria que ela vivésse, que nem ele tinha direito a desejar mais. E queria levar-lhe a reliquia. Levar a luminal'a por uns momentos a luz que iluminava os restos de Dom Nuno.

A lampada de Dom Duarte irradiando o culto — o culto irradiaria o milagre...

E onson tocar-lhe...

A esse tempo Maria da Graça abraçada a Dom Vasco chorava de alegria vendo-se ressuscitada. Quando voltou, Dom João viu-a sorrir à lampada: «Não valia a pena, já não é preciso...»

.....  
A passos furtivos, na madrugada ainda escura Dom João depôs a lampada n'uma exaltação de fé que era agora a ancia de morrer.

Interpretando mal o seu gesto, o povo que assistia à missa d'alva correu-o ao terreiro e arremeteu contra ele.

«Tarde te arrependeste ladrão!»

Varios pobres que o conheciam quiseram ainda defendê-lo:

«Poupa-o, poupa-o!»

Antepuzeram-se aos golpes e dois já feridos tentaram socorrê-lo, mas Dom João apunhalado de morte, só ponde dizer-lhes:

«Não valia a pena.

Já não é preciso...»

Bertha Leite.



## LISBOA A SAQUE

Homenagem a um chefe da policia de investigação



O chefe Alfredo Maria rodeado dos seus subordinados, que sob a sua direcção, tão bons serviços prestaram na descoberta do roubo da rua dos Fanqueiros.



# A Moda feminina

POR

D. Helena d' Aragão

O SEGREDO DO CHIC



quadra das elegancias *raffinées*, cuidadas com esmerada atenção, das visitas cerimoniaes, dos concertos, dos jantares, dos bailes, das mil e uma diversões, enfim, que a sociedade proporciona aos eleitos da fortuna, está em pleno apogeu.

A mulher elegante, para quem a observancia das multiplas imposições protocolares sintetisa um dogma, dedica n'este momento todas as suas atenções ao estudo da *toilette*, analisa a moda, nas linhas geraes, extrae d'ella tudo quanto possa pôr em

relevo os dotes de beleza que possui e que ficariam esbatidos em sombras ignoradas, se a sua habilidade, o seu instincto, não lhes indicassem a maneira de os pôr em destaque.

Nenhum detalhe lhe escapa, todas as insignificancias lhe merecem iguaes atenções; é que ella não desconhece, que n'esses pequeninos nadas da *toilette*, na intelligente combinação de pormenores minimos, tão frequentemente despresados, reside o verdadeiro segredo do «chic» que a seduz. A principal condição para ser-se elegante é apresentar um conjunto de *toilette* perfeitamente harmonico. Uma *toilette* «chic» exige, para a acompanhar, um *manteau* impecavel, razão porque os agasalhos são hoje estudados com excèccional atenção, e convenhamos em que a prodigalidade da moda se afirma surpreendentemente na apresentação de modelos variadissimos. Desde o gracioso *manteau* de setim, ao imponente *manteau* de peles caras, tudo se usa, tudo é acolhido com igual agrado. Entretanto, é bom notar que o primeiro, se se conjuga deliciosamente com a leveza d'uma *toilette* de baile ou de teatro, não oferece o conforto necessario para afrontar os frios da estação. Assim, é comprehensivel a preferencia manifestada pelos *manteaux* de pele, que este ano, embora permaneçam ainda inacessiveis ás bolsas de que o ouro não trasborda, baixaram um pouco ao plano das possibilidades...

Os *manteaux* de *petit-gris*, de *taupe* de lontra e de *skungs*, no genero do modelo que acompanha esta cronica, são o *dernier cri* da alta elegancia parisiense, os abafos *chics* por excelencia. Se as peles são tão sedutoras, tão voluptuosamente confortaveis... Que imaginação feminina poderá eximir-se á tentação de sonhar a posse d'um *manteau* de peles caras?





# O ESTRANGEIRO (CURIOSO)



Matilde Revenga, bela artista lirica que no Conservatorio de Madrid obteve ha pouco um ruidoso e entusiastico exito.

ninguem entende. Isto, com uma deliciosa caricatura de H. M. Bateman em «The Tatler», da confusão originada por um moço de hotel que faz lembrar a confusão dos três pares que juntaram seis gêmeos para fazer um partido a um dos paes ausente e depois não souberam conhecer os filhos, é um reflexo do estrangeiro que vive, ri e cri.

TREZ mulheres bonitas, uma cantora, uma actriz e uma bailarina, ou seja uma pequeno constelção, duas caricaturas cheias de oportunidade, uma sobre a avareza e a carestia da vida e outra sobre a questão russa, que



Miss Lilian Gilbert a atriz do dia dos palcos ingleses. M.<sup>lle</sup> Rosegay, a estrella das *Folies Bergères* que está atualmente no galarim.



tica, afogando assim as suas magnas.

Ha outro, que se debate em convulsões tremendas e que tem fome, tem frio e dia a dia se esfacela.



Atrapalhações de um creado de hotel ou os hospedes entalados.



**O Medico:** Embora não tenha comido ha quinze dias a febre tem-se encarregado de o alimentar.

**O Doente:** A minha criada come por quatro. O doutor não poderia repartir a febre por ella? (De *Le Rire Paris*).

D'esse, porém, occupam-se todos os dias os telegamas, deixando-nos sombriamente apavorados.



A embruhada russa. (De *The Bulletin, Sydney*)







ARTO de lêr todos os dias nos jornais a série dos atropelamentos, pensamos em procurar quem, com auctoridade, nos falasse sobre o assunto e nos suggerisse a maneira de os evitar.

De certo, seriam os «bem desastrados» quem melhor nos poderia informar; mas com esses não podemos comunicar, dada a nossa falta de conhecimentos praticos de estenografia e correspondencia... com o «Além», onde por mão do traumatismo foram colocados.

Resolvemos, por consequencia, procurar a outra parte—os «desastrantes», igualmente boa auctoridade na materia.

Foi a um velho automovel «Mors», daqueles que quasi desde a fundação da monarchia, fazem a praça, pintados de amarelo, perto da rua das Pretas, a quem tivemos a honra de nos dirigir.

Bem recebidos, com aquella galantaria francesa, que, denota a sua origem parisiense de Grenoble, abordamos o assunto que ali nos trazia, mesmo na borda do passeio.

Por um feliz acaso, daqueles que são a providencia dos jornalistas, estavam falando com quem tinha feito um estudo detalhado e com documentação — viva e morta, sobre o assunto.

Esperava mesmo o nosso bom amigo quatro cilindros, ser condecorado, pelo seu meticoloso, scientifico e humanitario estudo ou pelo menos com um simples e pucato habitosinho d'esses que até barbeiros tem, segundo dizia o Eça.

Principiou S. Ex.<sup>a</sup> por nos falar dos tipos gerais de atropelamento, costumes e habitos, edades de frequencia, dando-nos tambem as bases para um projecto de lei tendente a evitar a contumacidade.

Para melhor comprehensão, o nosso entrevistado dividiu os atropelamentos em classes, subdividindo estas ainda por tipos. Assim a classe A (p'ões isolados) comprehende 9 tipos. Temos por exemplo o tipo n.º 1 — o que parece procurar. E' constituído por individuos do sexo masculino e feminino. Sendo homem, usa geralmente colarinhos «Adamastor» 40; sendo mulher, sombrinha com cabo de volta estriata. «Passa a rua quando ha mais movimento parecendo á procura de um hipotetico outono. Olha para o chão, e só

para o chão». Geralmente o automovel vem, e, se é do P. A. M. aproxima-lhe, com certeza, os olhos demasiadamente, do citado pavimento.

Pode morrer e pode não morrer.

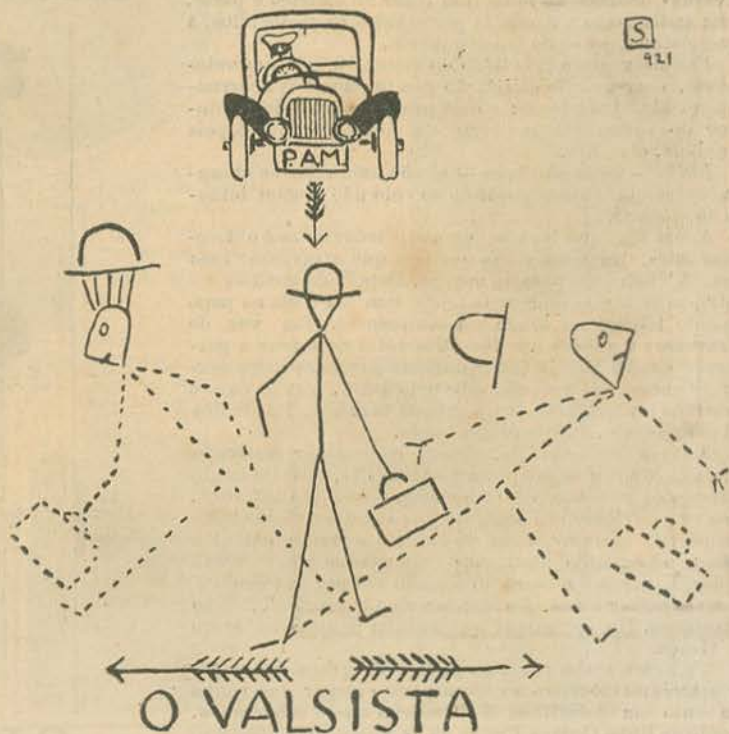
Se morre não diz nada; se não morre vai para o hospital, passando com o auxilio de populares de baixo do mesmo para dentro do dito.

A este segue-se «o que parece levar antolhos».

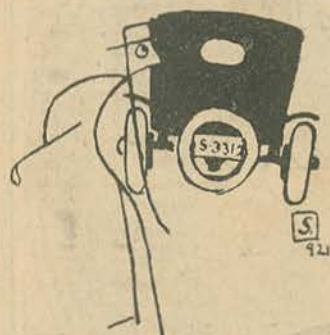
E' segundo official, ou dona de casa d'hospedes.

Dir-se-ia que quando atravessa a rua juron que não havia de vêr nada. Passa dum passeio para o outro para vêr os colarinhos de ida e volta ou o feijão encarnado que estão na montra da vizinha.

Pode morrer e se morrer enterra-se. Mas se não morre reponta que não viu o automovel e que o dito, que ás vezes é um «camion» de 3 quilometros de comprimento é que tinha obrigação de o ter visto entre os quarenta e os quarenta e tres anos, gordo e baixo, e, ou tem pasta debaixo do braço ou se\_ura um cabaz pletorico de repolhos e mãos de nabos.







## O CÂMBISTA

mas curiosos são, sem dúvida, «o das valsas» e o «dos cambios». O das valsas é muito frequente no lado occidental do Rocio.

Encara o automovel de frente.

Faz depois três passos de valsa para a esquerda, 2 de «polka» para a direita, 4 de «Fox-trot» para traz, e quando está resolvido a fazer 3 figuras de «one-step» está «one»-estampado debaixo das rodas.

Este numero com quanto seja especialmente dedicado a provincianos tambem se applica a todos as outras faunas, comprehendendo mesmo militares sem graduação.

«O dos cambios» encontra-se especialmente na Baixa esquina R. do Carmo. Quasi sempre o «quebro» resulta bom, mas ás vezes dá quebra de membro num encosto de raspão.

E' feito por jovens com o sobreteudo posto aos hombros e é exclusivamente masculino.

Quando são cavalheiros de bluzas que fazem esse genero, dá bastas vezes insulto e varias zaragatas.

Outro tipo e dos mais curiosos é «o que quer apanhar o elêtrico». Este caso dá-se quando o individuo ou «individua» lobriga ao longe um logar no elêtrico e parte, num gesto largo e pondo de parte todos os raciocínios, á conquista da posse do logar querido.

Faz ás vezes a precissão do encontro com um automovel, com grande satisfação dos inumeros concorrentes ao almejado logar; e com grande magna do conductor do automovel que começa a mostrar varios papeis á policia, etc., etc.

Idade — todas são boas — só são excluidas as creanças de menos 3 anos que indo ao colo não pagam bilhete no elêtrico.

Agora tipo que leve as lampas a todos estes é o «tres-quantista». Ha uma velha que tem que atravessar uma rua. A' beira do passeio medita. Depois de meditar resolve-se a atravessar a rua. Já tem  $3\frac{1}{4}$  d'ela no papo quando lobriga ao longe um automovel. Em vez de atravessar o quarto que lhe falta volta para traz a percorrer os  $3\frac{1}{4}$  que já fez. Nunca os percorre todos porque o automovel que não sabe psicología, a atira para a cama da enfermaria entre grande berraria. Edade dos 40 para avante. Tambem usa cabaz.

O nosso entrevistado, depois de nos ter mostrado quais os tipos que compõem a classe «A», passa a enunciar-nos os da classe «B» (menores). Esses são infinitos, mas os principaes são o garoto que sae desembestado de um portal, correndo atraz de outro e berrando «dá cá o pião»; o «menino distraído» que apanhando a mamã a dar á lingua na beira do passeio vai por sua conta e risco explorar a rua. Ao menino e ao borracho!... Não é perigoso. Ha «o garoto que apanha pontas» no carro da Graça.

A's vezes acaba por uma grande desgraça. Há «o que se agarra ao elêtrico» e espera para o largar que venha um auto em palmilhas de borracha que o esborracha. Usado na linha Gomes Freire dá ás vezes correspondencia para a Morgue.

Ha mais «o que lê o jornal na rua e o que se despede na borda do passeio e atravessa impávido sem virar o focinho nem ligar importancia ao «pó pó pó».

Ha ainda «o que vai na lua». Este é quasi sempre um individuo que vai muito sereno no seu caminho. De repente dá um pulo, dá um ai! e dá um grito. Não dá mais nada porque morreu.

Mas os tipos

«Estes são, diz-nos o nosso interlocutor, os principaes tipos. Ha ainda em grupo, o que é mais barato ou seja o atropelamento por avença. D'esses os tipos classicos são «a familia Pires tresmalhada», «as duas opiniões opostas» e «a barreira dos galegos». Muitos ha mais, que me dispense de enumerar e que deixo á fantasia dos seus leitores.

E para finalizar sempre lhe direi que o numero de atropelamentos está na razão inversa á velocidade do carro. De um carro a 30 a hora até as galinhas fogem. De um a 10 toda a gente se lhe mete sob as rodas. Em Paris onde eu nasci toda a gente sabe que os «trottoiros» são para os peões e a rua para os carros. O peão espera o momento propicio para atravessar e tudo vai bem. Entre nós, o automovel é que tem que esperar o momento de passar e anda sempre com o credo na boca para não atropelar ninguém.

Ora para evitar esses inconvenientes é que eu estou elaborando um projecto de lei para que ninguém possa andar na rua a pé, sem ter feito o respectivo exame.

As carroças, os cavalos, os automoveis, as bicicletas, todos os meios de locomoção teem, para que possam ser utilizados, de provar que a pessoa por quem são guiados, está apta a faze-lo e que esses meios teem os seus orgãos de maneira a satisfazer as condições de circulação.

Só o peão é que tem o direito de andar com os seus aparelhos de comando desafinados, com os seus nervos aderentes e motores a pedir reparação e officina.

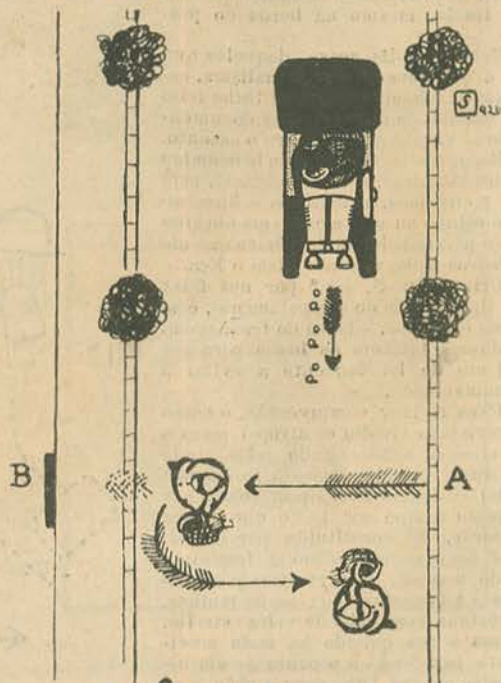
Proponho portanto para que ninguém possa andar na rua sem a respectiva licença de circulação.

Todo o cidadão devera fazer o seu requerimento em papel selado, ser submetido a um exame, e pagar uma taxa de 1 ou de 2 escudos conforme use botas de 1 ou 2 solas.

Teriamos assim uma grande fonte de receita que traria decerto o nosso cambio para melhor e até pagava a dívida. Não pudemos deixar de felicitar o nosso entrevistado. E' uma ideia digna de 20 cavalos. E despedindo-nos aqui deixamos uma ideia que não lembronos ainda ao sr. Cunha Leal.

SANCHES DE CASTRO

(Ilustrações do autor)



## O TRÉZOVARTISTA (3/4)



# «A PATRIA HONRAE...»

## NO DEPOSITO DE ADIDOS DA GUARNIÇÃO

**N**o quartel de adidos da guarnição de Lisboa realizou-se a entrega da Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> classe ao segundo sargento Manuel Machado Gouveia, que na Flandres, no «raide» feito pelo inimigo em 23 de Novembro de 1917, não só defendeu o seu posto com muita heróicidade mas obrigou o inimigo a fugir. Foi uma hora enaltecedora, a que assistiram todos os officiaes do deposito, mostrando uma das nossas gravuras tambem um curioso aspecto dos presos que assistiram da grade à cerimonia.



1. O sargento Gouveia recebendo a Cruz de Guerra. 2. O bem e o mal. Os presos no quartel dos adidos vendo, pelas grades do calabouço, a homenagem ao sargento Gouveia.



3. Homenagem ao heroe.  
4. Os officiaes do Deposito de Adidos. Ao centro o commandante tenente-coronel sr. Farinha Beirão e o sargento Gouveia.



## NO QUARTEL DE MARINHEIROS

No quartel de Alcantara um grupo de sargentos deliberou prestar homenagem publica ao seu commandante o capitão de fragata Sr. Luis Constantino Lima. Inaugurou-se na biblioteca o retrato do illustre officiaes que passou revista

o capitão de fragata Sr. Luis Constantino Lima. Inaugurou-se na biblioteca o retrato do illustre officiaes que passou revista



geral á unidade que comanda. Foi uma simpatica festa.



1. O commandante sr. Lima passando revista. 2. A comissão homenageadora e o capitão de fragata sr. Lima. 3. Aspecto da parada.





## OS LIVROS DA SEMANA



1. O sr. Sousa Costa, o autor de *As Feliceiras*, o primeiro numero de *A Novela Portuguesa* («Clie é Brazil»). — 2. O sr. José Godinho, fundador de tão curio a publicação. — 3. O sr. Alvaro Neve, autor de um interessante trabalho sobre *Rafael Bordalo*



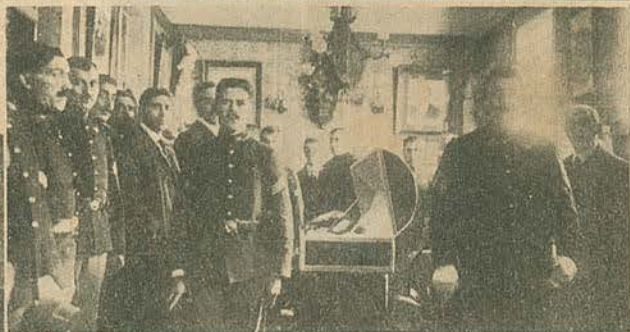
*Pinheiro*. — 4. O sr. dr. José d'Abreu, autor de um curiosissimo trabalho da Cruz Vermelha — 5. O sr. Luiz d'Almeida Nogueira, fundador de *A Nove a Portuguesa*. — 6. O sr. dr. Vicente Arnoso que acaba de publicar

em volume a sua peça, que tanto exito obteve, *O ultimo senhor de S. João*. (Foto Brazil). — 7. O sr. dr. Gonçalves Pereira, autor de *O Imperialismo Britanico*.

Os livros da semana compreendem alguns curiosos e interessantes trabalhos. Assim, do teatro, viu a luz da publicidade a peça de Vicente Arnoso, «O ultimo senhor de S. João», que no Teatro da Republica foi um rui loso successo. Este livro, com o do sr. Alvaro Neves, em que se mencionam cronologicamente todas as obras

de Rafael Bordalo Pinheiro, são dois trabalhos capitães. Mas os amantes da boa prosa têm ainda um empreendimento digno de menção e que vale a pena registrar. E' «A Novela Portuguesa» que entre nós faz o que «La novela corta» faz no país vizinho com os seus literatos. E' digno de registro e de louvor.

## OS MORTOS



1. A morte de Gonçalves Neves. A camara ardente. — 2. O enterro de Gonçalves Neves. — 3. O jornalista e velho republicano Gonçalves Neves falecido ha dias. — 4. O professor Antonio Brandão dos santos tambem ha pouco falecido.



SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DO

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

## Culinaria integralista



No Suisso, Martinho, etc. O freguês:

— Como a linguagem tem mudadol D'antes chomava-se a isto comaa d'urso...





PALESTRA AMENA

Crueldades

Chama-se a atenção dos leitores para o seguinte telegrama de Paris:

«Segundo notícias de Viena tem tomado proporções grandes nos últimos dias, na capital austriaca, a agitação determinada pela carestia da vida, esperando-se serias complicações, caso o governo não consiga, como pretende, baratear as subsistências. Os empreendedores telegrafo-postais e ferro-viarios firmaram um acordo para se pôrem em «graves» no dia 24 do corrente, se até lá não se adquirem várias providencias que julgam necessarias, entre ellas a applicação da pena de morte para os açambarcadores.»

Léram? Até onde pode chegar a selvajeria! A pena de morte! Confessamos que ainda temos os cabelos em pé, pelo efeito da leitura, e mais já ha uns tres dias que nos veio parar á mão o jornal que narra semelhante projecto de crueldade!

Primeiro que tudo, é necessario provar que o açambarcador é nocivo á sociedade, para se lhe applicar uma pena d'estas: depois, é necessario vêr se não ha individuos que com mais forte razão as mereçam, para que as penas se graduem e para que, visto a de morte ser a maxima, ella se applique a esses individuos e outra, menos radical, aos açambarcadores.

Pois digam-nos em que se ha-de condemnar o padeiro, que sistematicamente não pesa o pão, o comerciante, que n'um dos pratos da balança põe o genero so-

bre um papel e no outro o peso sem nenhum papel, o andarilho, que na rua dos Capelistas espalhou que uma determinada casa bancaria está em maus lençóis, um empregado publico, que para dar andamento a um negocio leito precisa de que lhe untam as mãos, etc. etc. etc.?

Pena de morte! Mas, ó barbaros austriacos! Isso é coisa que se faça a um açambarcador, que não cometeu outro crime senão o de subtrahir á venda uma grande quantidade de generos, quando muito provocando a fome e quiçá a morte a alguns entes sem categoria social?

Felizmente em Portugal essa terrivel penalidade foi abolida dos codigos, pelo que estamos socegadissimos quanto á sorte dos excellentissimos açambarcadores, que correm apenas o risco d'alguma condecoração.

Mas se, por força, um dia a justiça se vir obrigada a trata-los com menos generosidade, então solicitamos teimosamente que haja para com elles a maior benevolencia: nada de Penitenciaría, nada de costas d'Africa. Se é forçoso que sejam condemnados, eis a pena que propomos: Despi-los, pedindo-lhes desculpa do desnacato, leva-los para uma praça publica e aí faze-los engulir todos os generos que tenham açambarcados, até á ultima grama. O mais que apanharão será uma indigestão, podendo ser que um ou outro rebente, mas d'alí a pena de morte vai um abismo.

Sejamos compassivos.

J. Neutral.

e nas noticias que dá a fal respeito não se esquece de accentuar que o nomeado é um bom poeta.

Este facto veio lançar nos nossos circulos literarios uma bem fundada esperanza: a de que o governo portuguez siga o exemplo do francez e comece a aproveitar os poetas como representantes do Portugal lá por fóra.

E' certo que nos fariam muita falta, mas ao atentarmos no quanto o nosso



paiz ganharia sendo representado em verso, o desgosto pela ausencia dos vates atenua-se poderosamente.

Podiamos já indicar alguns nomes, como o de Julio Dantas, que estaria muito bem na Grecia, porque é tu cá tu lá com o Sofocles, mas não nos compete essa missão.

E' claro que alguns deveriam representar o paiz junto dos regulos africanos e ficar lá por tempo indeterminado, mas d'esses tambem não diremos os nomes, que temos debaixo da lingua, porque não queremos que nos atribua propósitos que não temos.

E' preparar a maluha, srs. poetas.

Para traz

Que estamos regressando aos costumes primitivos, eis um facto que ninguém pode negar. Os caminhos de ferro, pelo incomodo e perigo que actualmente representam, sem contar que só quem fór milionario pode suportar-lhes as tarifas, provocam saudades da mala-



posta; a falta de gaz, obrigando-nos ao petroleo—e bem pouca gente ganha para elle—faz-nos pensar, tambem saudosamente nos candieiros d'azeite; os jantares, reduzidos ao minimo, as roupas, custando os olhos da cara—tudo nos obriga a invejar os nossos antepassados prehistoricos, que comiamervas

e frutos, que andavam com folha de parra, que não tinham nem sombra das apoucações que hoje temos.

Ora nós não queremos que se regresses ao principio do mundo, mas porque não havemos de resuscitar a historia de Portugal até pelo seculo XII? Pelo que, se nos permittem, propomos que, sem revolução, com o consentimento de todos: 1.º—Mandemos um pedido aos arabes para que invadam o paiz. 2.º—Nomeemos rei um D. Afonso Henriques qualquer, que desbarate os arabes em Ourique. 3.º—O casemos o peçamos ao filho D. Sanchinho, que lhe suceda, que povõe de novo Portugal...

E assim successivamente, até á epocha das descobertas, convindo que volteemos a conquistar a India, a descobrir o Brazil, etc. etc., quedando-nos definitivamente no pé em que então nos encontravamos, sem pretendermos caminhar mais adiante na estrada do progresso.

Verdade, verdade, quasi que mereciamos apanhar outra traulhada em Alcaacer-Quibir!

Para o estrangeiro

A imprensa franceza elogia muito o governo do seu paiz por ter nomeado o sr. Paulo Chenel, embaixador do Japão

Obrigados!

Ora até que enfim o nosso amigo Time» começa a fazer-nos justiça. Tempos houve, e não muito afastados, em que se nos referia desagradavelmente, pelo que o «Seculo Comico» teve de lhe dar algumas sovas, que fizeram eco por toda a Europa. Temos, pois, autoridade para hoje o tratarmos bem e agradecermos a gentileza do co-



der as suas colunas a «madame» Tisa, de quem nos confessamos sinceros admiradores.

Agora será bom que de futuro o «Time» continue a provar-nos que não esquece os favores que nos deve, como nós nunca esquecemos aqueles de que somos devedores.

E é contar com o «Seculo Comico», enquanto se portar com decencia, ou-viu?





## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Ameidade do mé curasão.

Ora até que infin chigou a minha vez de tamem istar in grevia! Inté parsia mal un ome cumu mim, tondo purgresso, aindas nan ter intrado nu movimento mderno das grevias; mas infin cá istou, cus otros mês culegas dos jornais que ó dão u ca jente pede ó nunca mais te escrevo in letra de imprensa minha Zefa. Cenpre té digo que quem afinal mais ganhou ou esta grevjada imprensa foi u tal Nicodemio pur que ce livron de levar uma grande cová cun uma pes-a xamada cá in protugez «A camiuho du sol» e que ce arrepresentou na sigunda-féira paçada nu Pauliteama de cá cuja esta vem a cer u ceguinte: a Aurinha vive n'un palasso cu pai i cu a tia i istá pra casar com un sujêto xamado Valeiro Bejanto, tudo cá da fidalgaria, mas ó pé do palasso á uma fravica i na ditá fravica á un uprario que ó u Caceramento; a Aurinha quer casar cu Caceramento i nan quer u Valeiro i vai daí cumo é maior casa infetivelmente cun u Caceramento cun lisensa du pai i acabou a pesa que ó tal i cal u «Gaspar Sarra-lheiro que tu debes ter oivisto alumiár mas já ce cabe cun uma lingua je touda puetica i pra ver ce mette os dedos plos olhos da jente mas to caroxo que eu cá nan con tollu de ente nin de oje. Cuan-to ó desimpunho tondos istão bem ubrigado antes pelo contrairo i cun isto nan te infado mais i dá arrecunmendações minhas a quen pur mim pregun-tar i arresebe coidosos osclos i mailos piquenos i a ubrigassão du tã marido cenpre fixe inté cando Dens quixer á mãi.

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Rulvas.

## A verdade sobre as colonias

Tem corrido boatos desagradabilis-simos sobre a nossa colonia de Mo-cambiquo, mas nenhum de aceitar. A verdade, verdadinha, ó o seguinte — que já não ó pouco para nos pôr os ca-belos em pé:

I — Ha días uma baleia que passava perto da baía de Lourenço Marques,



abriu a bóca desmedidamente e mos-trou evidentes desejos de papar aquela cidade, retirando, porém, para o lar-go, sem outro procedimento.

## EM FOCO



## Romanones

*Diz Romanones que a visinha Espanha  
Não quer da nossa patria tomar posse  
E Portugal responde que se coce  
Aquele que acredite em tal patranha*

*Em tempos entrou cá, por força e manha,  
Mas a raça dos tolos acabou-se  
E os portuguezes: á'hoje dão um doce  
A quem quizerá bisar essa façanha.*

*O que nos leva, sim, são muitos ovos.  
Mas não é furto que nos cause abalo,  
Porquanto casos dèsses não são novos.*

*Fazem cá certa falta, mas deixal-o,  
Não é por isso que se batem povos  
E até lh'os damos, se quizer, de galo.*

BELMIRO

II — Um grande passarão, vindo do lado do Cabo, pairon durante horas sobre a ferida cidade, dando guinchos ameaçadores, mas afastando-se tam-bem, sem consequencias de maior.

E, são casos para meditar, sem du-vida, mas podem muito bem não passar de fenomenos naturais, quiçá de rego-sijo em terra e mar pela proxima ida do nosso Brito Camacho para aquelas paragens. Tudo o mais são lérias.

## Serviçais

Escrevem-nos varias pessoas atrapa-lhadissimas por causa do novo regula-mento acerca das criadas e criados de servir, visto que serão obrigadas a in-formar sobre a honestidade e mais par-tes de quem as servir. Seguem algu-mas cartas, para as quais chamamos a atenção do sr. governador civil.

«Sr. redactor:

Creio que, em vista do regulamento que vai ser publicado, com respeito ás criadas, eu tenho de dar informações certas da honestidade da minha. Quan-do a tomei ao meu serviço não cuidei de lhe saber dos antecedentes; agora, de portas a dentro, não tenho razão para supôr que tal honestidade, se a tinha, não se conserve, mas ela sai de quinze em quinze dias. Como prestar informações seguras? Terei de mandar proceder a um exame, por peritos a fim não ser tido por mentiroso? Era fineza esclarecer o leitor assiduo e obg.<sup>o</sup>

X.

«Sr. patrão do «Século Comico»:

A abacho acinada ó impregada du-

mestica i não criada de cervir como diz a noticia que veiu nu «Século» çob u regulamento i as cadernetas que nus vão ubrigar a ter. Não queren lá ver us fedunsiós a crerem metter u nariz na minha onrradez? Que tem o sr. gubernador civil con as desinflexidades que me aconteceram na minha terra?

U que é persiso é que eu fassa a mi-nha ubrigação i canto ó resto unestida-de tinha a çua avó i istou a ver que isto ção intrigas duma patifa duma cu-lega minha ca gora istá in casa du tal gubernador civil i que ce quer vengar pur en le ter tirado u namoro qui era padeiro. Vá lá dar livros de maricula a quem quixer nanja á filha da minha mãi. Esculpe i istá ás suas ordas a muito ubrigada

Maria du O', uma sua criada.

«Sr. redactor:

Sou homem só e tenho uma criada para todo o serviço. Para mim tem todas as qualidades boas, mas serão elas apreciadas do mesmo modo por qual-quer outra pessoa a quem ela vá ser-vir? Que hei-de eu atestar acerca da rapariga, que a não prejudique no fu-turo? Espero que, com as propostas de finanças, tal regulamento não seja a ultima palavra e só se ponha em vi-gor quando tiver sido alterado pelos interessados, criados e patrões.

De v. muito obg.<sup>o</sup>

Pirilau.

## Correspondencia

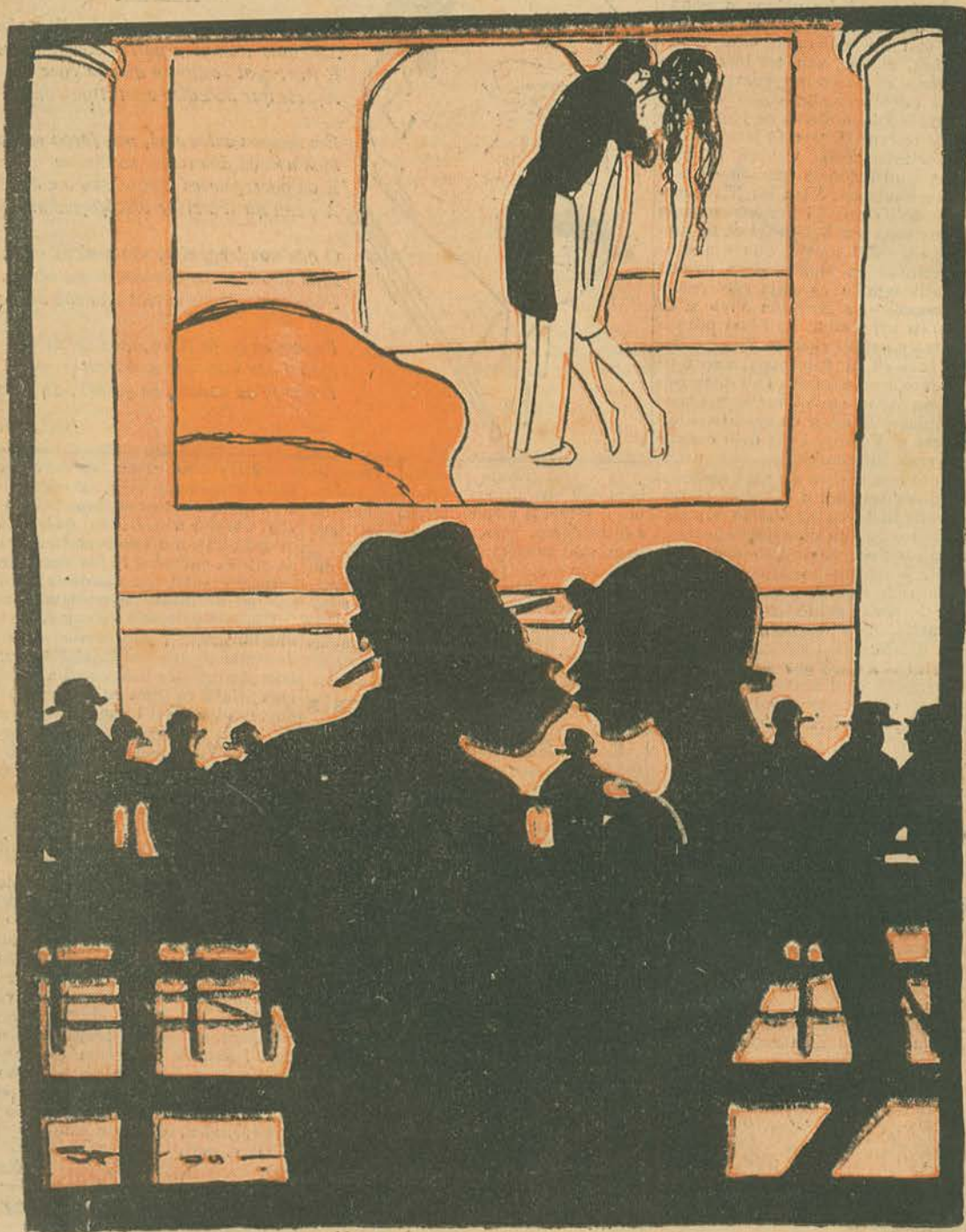
«Livros» — O caso tem explicação, mas não a damos.

«J. T. Orense» — Vê-se logo que tem vocação para o chinguico. Ahi!!



# Melindres cinematograficos

*A policia deve exercer severa  
censura nas fitas imorais.  
(Dos jornaes).*



*Os espectadores:  
— Parece incrível que a auctoridade consinta na exhibição d'uma fita tão  
imorall*